1.º ANNO — Sabbado, 18 de julho de 1908 — Numero 22

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS

REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORRES

ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commercio

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	20 réis
Repetições	15 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

QUEM PREVARICOU?...

A ciganagem, surprehendida com as mãos nos cofres publicos, fez alarme, dividindo-se em hordas para desorientar os batedores, e, assim, amortecer o vigoroso ataque do inimigo, que é todo este malaventurado paiz, cujos rendimentos tem sido criminosamente absorvidos em orgias desenfreadas de uma familia, com larga cauda de satelytes não menos dissipadores do patrimonio commum.

Agarrados em flagrante delicto, os bandos, que antes armavam em solidariedade contra a tremenda accusação de esbanjadores, repudiam-se agora, descobrindo-se mutuamente, no parlamento, na imprensa, nos centros de cavaco intimo,—ante o paiz boquiaberto, que de nada sabia—que ignorava como lhe eram administrados os dinheiros.

E' espantoso!...

Sóbe a muitos milhares de contos o passivo da **Companhia,** da qual o Estado é credor. Todos os dias se descobrem novas fraudes, encobertas nas mysteriosas dobras do orçamento, pelas maniguncias dos ministros que até agora passaram como immaculados na sua vida publica.

São muitos os milhares de contos jogados estouvadamente na tombola, por uma casta priveligiada. Emquanto a fome e a miseria assolavam o nosso paiz, os ministros da corôa porfiavam sollicitos em satisfazer as exigencias romanescas da realeza, para lhe captarem as boas graças.

Já se appella para a magnanimidade dos juizes; já se invocam os interesses da patria, a que se devem sacrificar os resentimentos do momento. Os tartufos!... Sentem-se sobre um vulcão que ameaça submergil-os, e atterra-os a vindicta do paiz, que talvez seja inexoravel no ultimo ajuste de contas.

A ciganagem já não quer ter responsabilidades n'esse descalabro tenebroso que arrastou Portugal á beira do cataclysmo. Os cumplices fogem, desvirtuando faltas ou inculcando as proprias á responsabilidade do amigo de hontem.

Ninguem prevaricou; mas o thesouro appareceu vasio, por que todos se adeantaram. Os criminosos, na sua repugnante covardia, agacham-se nas dobras do manto real, deixando exposta á irrisão e á malquerença publicas a mais alta entidade burocratica, que tem sido talvez o maleavel cumplice na dolorosa agonia nacional.

N'este momento angustioso não é facil escrever com serenidade, nem para reflectirmos bem na macieza do termo. Somos dos da gleba,—que trabalhamos,—que produzimos,—que pagâmos onerosissimas contribuições, só recolhendo as migalhas que a generosidade do fisco nos deixa.

E... n'este *levantar da feira,* oh céus! apparece-nos o de cincoenta annos de vida immaculada tambem accorrentado ás scenas da orgia!...

E o paiz luctando com a fóme, em meio de tanto esbanjar de ouro! Como nos lembra gritar:

Agarrem!... agarrem!... Façam-lhes cêrco! Até ao ajuste de contas!... Thiers, o ferrenho imperialista, por muito menos fez innundar de sangue as ruas de Paris.

RALHAM AS COMADRES...

Parece averiguado que as informações sobre os adeantamentos, publicados pelo *Diario de Noticias,* foram fornecidas pelo snr. José Luciano, de accordo com o snr. Espregueira, para vêr se conseguia abafar a questão, envolvendo no caso os ministros regeneradores e os snrs. Fuschini e Augusto José da Cunha.

*

A OUTRA METADE

N'este ejacular de retaliações do ultimo momento, nas camaras legislativas, voltou-se a fallar na celebre *outra metade,* famoso escandalo que encheu de lama um reinado e um ministro já fallecido.

Foi João Arroyo que no parlamento d'essa épocha arrancou do pantano o monstruoso polvo, cujos tentaculos estão de novo emergindo da lama.

Pela leitura de alguns periodicos, vemos que se pensa em rehabilitar a memoria de Marianno de Carvalho, que teve altos sucios comparticipando na **outra metade.** Já lemos isto na imprensa monarchica.

A Revolução é, no momento, uma necessidade. Só ella, trazendo a libertadora Republica, póde impedir o descalabro financeiro, moral, politico e social d'esta atormentada nacionalidade.

Alfredo de Magalhães.

O *Progresso de Aveiro* transcreveu no ultimo numero o editorial do *Noticias de Lisboa* que se refere ás cedencias que a real familia tem feito *espontaneamente* (o italico é nosso) a favor do Estado desde 1837, e diz montarem a dois mil contos approximadamente. A razão por que o collega transcreve aquelle artigo, segundo diz, é para que o publico *vá tendo inteiro conhecimento* do que é a questão dos adeantamentos *e da injustiça com que se teima em attribuir á casa real responsabilidades que lhe não cabem.*

Extraordinario este collega! Extraordinarissimo até!

Estamos a vêr que, d'aqui a pouco, este illustre collega affirmará que os adiantamentos foram legalissimos!

BELLEZAS DA MONARCHIA

O snr. dr. Affonso Costa apresentou na camara dos deputados a seguinte nota de adeantamentos a descoberto em que não entram os da snr.ª D. Maria Pia nem muitas outras dadivas da mesma natureza:

Debito verificado pela commissão que apresentou a liquidação em 1895	227:000$000
João Franco, 1890	40:000$000
A. J. da Cunha, D Ferreira e Fuschini (1891 a 1893)	160:000$000
Hintze Ribeiro (1894 e 1896)	369:090$000
M. A. Espregueira (1999-1900 e 1904-1905)	376:500$000
Anselmo de Andrade (1900)	31:500$000
Mattoso dos Santos (1901-1903)	896:900$000
T. de Sousa (1903-1904 e 1906)	164:000$000
R. Pequito (1904)	107:000$000
Penha Garcia (1906)	1:800$000
E. D. Schrœter (1906)	28:000$000
Martins de Carvalho (1907)	121:000$000
	2 521:800$000

Pergunta innocente

Os asylos podem dispensar a quantia de **um conto e quinhentos mil réis** por anno para subsidiarem a *créche* sem prejuiso proprio?

Com a consciencia perfeitamente tranquilla diremos aqui, alto e bom som, que a bem d'aquellas duas casas de caridade se deve terminar quanto antes com este subsidio illegal, desviado de dois estabelecimentos que tantos e tantos beneficios prestam ás crianças desprotegidas da sorte.

O povo tem sido victima de ladrões!

Affonso Costa.

CARTA DE LISBOA

16 de julho de 1908.

Um governo!

Não ha ninguem que pensando bem chame áquillo, que nos dá leis, um governo.

Um governo! Mas só assim deve ser chamado, quando pratique actos que lhe confiram esse direito.

Ora *aquillo,* a que nós temos chamado governo, com grande convicção, não tem feito senão tolices, cavando mais a nossa ruina e descredito, para em nada alterar os costumes rotativistas.

Logo, a palavra governo, é mal empregada em quem só tem feito o contrario do que ella significa.

Pela minha parte prometto nunca mais os tratar d'essa maneira—governo!

D'hoje em diante passo a chamar-lhe desgoverno.

Ora, ia eu dizendo, o governo... perdão, o desgoverno continua cavando a nossa ruina e descredito com o mesmo requinte de crueldade que os seus antecedentes.

Outra mesmo não póde ser a sua missão dentro da monarchia. Ha muito tempo que a monarchia se habituou a ser servida por desgovernadores do paiz, para proveito de si propria, isto é, para seu governo.

Abdicar d'esse costume será abdicar das suas regalias, ou, por outra, do seu governo, em proveito do paiz.

Quem ainda admitta essa esperança, é tolo.

A monarchia portugueza é a familia mais rica e mais privilegiada do paiz.

D'onde lhe tem vindo esse dinheiro e esse privilegio?

Do povo faminto, do povo soffredor.

E, acaso ella lhe tem compensado esse sacrificio?

Evidentemente não. Tem-se mesmo empenhado em abreviar a sua ruina.

E o povo tem-a pago pelo dobro do preço com que compraria a sua felicidade.

E' desenganar. A monarchia quer o nosso aniquilamento, pela razão de que ella representa interesses internacionaes.

Já por varias vezes se tem demonstrado que essa familia não é portugueza, e escusado será repetil-o. Basta olhar para a sua origem.

Ora monarchia e monarchicos, actualmente, fundem-se n'uma palavra—adeantamentos.

Sim, já não tem direito de ser monarchico todo aquelle que, divorciando-se do paiz, passa a servir a causa da sua decadencia, quer manifestando-lhe cynicamente o seu apoio verbal, quer consentindo sem um protesto que se impõe á consciencia de todo o homem honrado, esses abusos.

Por isso, onde elles veem um governo, vejo eu um desgoverno. Actualmente temos no poder um desgoverno, que não póde com uma gramma de energia.

Intitulando-se liberal, é reacionario; julgando-se justo, não passa de iniquo.

N'um logar onde devem estar homens, cujo passado não tenha a mais tenue mancha de descredito, quem vamos nós encontrar?!

Reus confessos, delapidadores dos cofres publicos em proveito pessoal e d'outrem e não do paiz de quem se dizem administradores!

Ora é esta a gente, que uma maioria parlamentar, cosinhada ao sabor dos interesses particulares, defende, arriscando n'essa defeza caracteres ainda não maculados, por qualquer acto menos limpo, mas já sufficientemente rotativados, para ámanhã fazerem, no mesmo logar, muito peor que os seus actuaes chefes.

A monarchia corrompe todo aquelle que se lhe approxima, e quem se não quizer sujeitar

a isso terá de se divorciar d'ella, porque ella não transige com sentimentos elevados.

IGNOTUS.

Largo Municipal

De ha muito que se projecta collocar n'este lindo recinto uma grade de ferro, na parte alta junta do correio.

Até hoje não tem passado de projecto esse melhoramento, de forma que a pensar... queriamos dizer, ainda se não accordou definitivamente em collocar ali um gradeamento.

E como agora, no dizer d'um jornal da terra, o unico que bebe do fino, a camara tem dinheiro em cofre, é-nos muito grato lembrar á illustre vereação esta *obrasinha*.

EXAME

Fez, na quinta-feira, exame de 1.º grau de instrucção primaria nas escolas centraes d'esta cidade, obtendo a classificação de bom o artista alfaiate, snr. Bernardo Baptista dos Santos. Teriamos immenso gosto de noticiar aqui que outros artistas nossos patricios haviam se submettido ao dito exame e obtido approvação. Infelizmente porém, foi só aquelle. Talvez, no futuro anno, o possamos fazer. Muito o desejamos.

JOÃO AFFONSO DE AVEIRO

(O marinheiro)

(Continuado do n.º antecedente)

Aquelle embaixador deu a D. João II, largas informações a respeito do Imperio do Preste João, o que augmentou muito as esperanças da possibilidade do descobrimento da India.

A existencia de um monarcha poderoso, chamado Preste João, era uma convicção, que alimentavam muitos povos da Europa. E o descobrimento daquelle imperio era outro sonho dourado, cuja gloria não poucos desejavam conseguir.

O embaixador foi brindado com muitos e muito valiosos presentes e voltou para a terra, que era Ugate, um dos portos de mar d'aquellas paragens.

João Affonso de Aveiro havia, de Benim, trazido a Portugal a primeira pimenta, que foi tida como notavel, em quanto a mesma especiaria não veio doutras paragens.

Depois de pouca demora, e por ordem de D. João II, voltou a Benim, onde estabeleceu feitorias e onde mandou construir uma fortaleza.

Frei Luiz de Souza, no Capitulo VI, do Sexto Livro da segunda parte da Historia de S. Domingos, faz uma referencia a este aveirense e aos seus feitos, e diz:

Que essas terras de Benim ficam entre o Reino do Congo e as terras, que visinham com o Castello de S. Jorge da Mina.

Nesses territorios, resta apenas a Portugal o forte de S. João Baptista de Ajudá.

João Affonso de Aveiro, falleceu nas terras, que descobrira, talvez victima da sua dedicação á patria e dos desejos de deixar um bom nome á posteridade.

Não se sabe em que anno, nem se deixou descendencia.

Creio que não descendia de familia que tivesse titulos nobiliarchicos. Ganhou-os com seus serviços. Por isso D. João II lhe deu titulo de nobreza e um brazão, que constava do seguinte:

Uma aguia, insignia dos Affonsos, entre duas estrellas e duas meias luas.

Esse brazão era muito similhante ás armas de Aveiro e, por isso, não faltou quem affirmasse que a patria de João Affonso, como taes, o havia adoptado.

Póde Aveiro ter a justa ufania de que, antes dos feitos maritimos de Vasco da Gama, já tinham nome os de João Affonso e que estes feitos foram a origem daquelles. E tambem póde affirmar que João Affonso nem teve de D. João II tantos meios nem tantas protecções, como Vasco da Gama tivera do monarcha venturoso.

A gloria de João Affonso foi quasi toda alcançada unicamente pelo valor do seu braço, pela sua coragem e intrepidez e muito mais pela dedicação á patria.

Roubo, roubo, roubo!... o momento não é de artificios!... ha um povo que soffre e foi roubado!... eu falo a linguagem augusta da verdade... commetteram-se roubos, roubos revoltantes á nação!

Affonso Costa.

Tourada

Como já aqui annunciámos realisa-se amanhã, na Praça d'esta cidade, a terceira tourada da epocha, cujo programma publicamos a seguir:

Extraordinaria e luzida corrida, promovida pelo seu emprezario, na qual serão lidados 8 bravissimos e bem tratados touros, escolhidos pelo bandarilheiro Jorge Cadete, nas manadas que possue o conhecido lavrador e creador de gado bravo, ex.mo snr. Eduardo dos Santos, de Vallada (Ribatejo).

Cavalleiro: o distincto e festejado artista, José Bento de Araujo. Bandarilheiros: Manoel dos Santos, Thomaz da Rocha, Arthur Felix, Guilherme Thadeu e Antonio Pinheiro. Um valente e destemido grupo de moços de forcado.

Dirige a corrida um distincto aficionado.

Detalhe da corrida: 1.º José Bento d'Araujo, 2.º M. dos Santos e Thomaz da Rocha, 3.º Thadeu e Arthur Felix, 4.º M. dos Santos e Antonio Pinheiro, 5.º José Bento d'Araujo, 6.º Thomaz da Rocha e Thadeu, 7.º Arthur Felix e Pinheiro, 8.º M. dos Santos e Thomaz da Rocha.

Abrilhantará esta extraordinaria corrida a excellente «Phylarmonica de Vagos».

Durante a embolação, bem como antes das cortezias, far-se-á ouvir na praça a sympathica charanga do «Asylo Escola Districtal».

DESPEDIDA

Não sendo possivel despedir-me pessoalmente de todas as pessoas que durante a minha permanencia n'esta cidade me penhoraram com a sua estima e cordeal amizade, faço-o por este meio com os protestos do mais subido reconhecimento.

Aos meus queridos companheiros do trabalho um saudoso e estreito abraço.

Aveiro, 16 de julho de 1908.

Jacintho Caldas.

CANTIGA POPULAR

Os olhos azues, são dôces,
Os negros, são feiticeiros,
Os verdes, meigos e tristes
Os pardos, são traiçoeiros.

José Estevão

Pela commissão organisadora do programma dos festejos a José Estevam, a qual é composta dos snrs. dr. Manoel Rodrigues Pereira de Carvalho, João Augusto Marques Gomes, Albino Pinto de Miranda e dr. André dos Reis, foi elaborado o seguinte:

Projecto de programma para se levar a effeito a celebração do 1.º centenario do nascimento de José Estevam, em 1909.

Resolvido definitivamente que a data commemorativa do primeiro centenario do nascimento do grande tribuno, 26 de dezembro de 1909, fosse celebrada festivamente no vigesimo anniversario da inauguração da sua estatua, por aquella coincidir com o coração do inverno, o que além de affastar a concorrencia dos forasteiros, podia prejudicar por completo o effeito das festas, devem estas ter o seu começo em 12 de agosto d'esse anno, podendo ser assim organisadas:

Dia 12

1.º—Pedir-se-ha ao governo para que este dia e os seguintes 13, 14 e 15 sejam considerados de gala, na cidade e concelho.

2.º—Alvorada com musicas percorrendo as principaes ruas da cidade, grandes girandolas e repiques de sinos em todas as torres.

3.º—Ornamentação e embandeiramento dos edificios publicos e dos particulares, cujos proprietarios ou moradores queiram assumir esse encargo, do Largo Municipal, da rua José Estevam e de todas as demais ruas e largos ou praças para que se obtenham elementos para isso.

4.º—Sessão solemne na sala da bibliotheca do Lyceu, em que differentes oradores previamente convidados, ou inscriptos, farão o elogio do tribuno, da sua grande obra em beneficio de Aveiro, e a justificação das festas que se iniciam.

5.º—Collocação d'uma corôa de bronze no pedestal da estatua, commemorativa das festas do centenario.

6.º—Inauguração do projectado monumento a Mendes Leite, ou lançamento da sua primeira pedra, no local previamente escolhido, se n'isto concordar a commissão iniciadora d'esse monumento.

7.º—Descerramento d'uma lapide que se pedirá á ex.ma Camara Municipal para mandar collocar na casa onde presentemente se acha installada a Repartição de Fazenda, na rua de José Estevam, commemorativa do nascimento, em 18 de maio de 1810, de Manoel José Mendes Leite, amigo de infancia, camarada no batalhão academico e companheiro inseparavel, em duas emigrações, do tribuno, seu cooperador na fundação da *Revolução de Setembro*, seu collega na camara dos deputados e uma das glorias de esta cidade.

8.º—Bandas militares e civis no Largo Municipal e em outros pontos previamente designados.

9.º—Tourada na praça do Rocio.

10.º—Illuminação da cidade, pedindo-se para isto o concurso individual a fim de cada um illuminar a fachada da sua casa, isto independentemente da illuminação geral que se possa levar a effeito em qualquer ponto.

Dia 13

1.º—Installação de um lactario annexo ao Asylo Escola, o qual tomará o nome do tribuno, destinado a subsidiar diariamente um determinado numero de mães pobres com o leite preciso para a amamentação de seus filhos que d'elle careçam.

2.º—Inauguração d'uma exposição districtal agricola, commercial, de productos da ria e de todas as industrias e manufacturas, para que se pedirá o auxilio do governo e das camaras municipaes do districto, e o concurso dos lavradores, industriaes, donos de companhas e de barcos d'esta circumscripção.

3.º—Concurso de bandas no Jardim Publico, e de natação, no canal.

Dia 14

1.º—Continuação da exposição.

2.º—Ornamentação do caes de um e d'outro lado do canal.

3.º—Concurso, com premios pecuniarios, no mesmo canal, desde as Pyramides até á Praça do Commercio, de barcos de toda a especie, empregados na ria, quer na pesca, quer na apanha dos algas e demais adubos maritimos, com as suas redes e alfaias, devidamente tripulados.

4.º—Desfile dos barcos, musicas, girandolas de fogo, etc.

5.º—Illuminação geral no canal desde a doca fronteira á Escola Industrial «Fernando Caldeira» até á ponte de S. Gonçalo. Fogos de artificio e concurso de barcos illuminados com descantes populares.

Dia 15

1.ª—Grande alvorada com musicas, girandolas de fogo, etc.

2.º—Continuação da exposição.

3.º—Cortejo civico, que partindo da Estação do Caminho de Ferro, visto ser este grande melhoramento devido á iniciativa de José Estevam, percorra as differentes ruas da cidade indo desfilar deante da estatua, onde será cantado um hymno, especialmente composto para tal fim, pelas creanças do Asylo Escola Districtal, e das escolas primarias do concelho, que deporão palmas e ramos de flôres na base do pedestal da estatua. Para tomar parte n'este cortejo serão convidadas as camaras do districto para se apresentarem com as suas insignias e estandartes; todas as auctoridades, associações e corporações locaes. Pedir-se-ha tambem para n'elle se fazerem representar o chefe do Estado, o governo, a camara dos deputados, a Escola Polytechnica, a Academia Real das Sciencias, a arma de artilheria, o Grande Oriente Lusitano, o Asylo de S. João, a faculdade de direito da Universidade e a Camara Municipal do Porto.

No cortejo incorporar-se-hão differentes carros allegoricos, á agricultura, á pesca, á imprensa e ao exercito. Para complemento da ornamentação d'este ultimo carro, deve pedir-se uma das peças de artilheria que tenham servido no cerco do Porto e a espada de José Estevam, que se guarda na bibliotheca da Escola Polytechnica de Lisboa. Deverá servir-lhe de guarda d'honra um grupo de creanças do sexo masculino, trajando o antigo uniforme dos voluntarios academicos nas campanhas da liberdade, e em que José Estevam fez as suas primeiras armas.

4.º—Repetição das illuminações em toda a cidade, musicas, girandolas, fogos de artificio, descantes populares, etc.

5.º—Recita de gala no Theatro Aveirense, com elementos exclusivamente da cidade.

Como fonte de receita e meios de prepetuar a memoria do tribuno, far-se-ha a publicação d'um livro para o que se deve pedir o concurso das fabricas de papel do districto e typographias da cidade, com o titulo de *José Estevam —Memorias biographicas*—onde se relatem minuciosamente todas as phases da vida do tribuno e os factos da historia politica do paiz que com ella se relacionam para melhor se apreciarem os seus meritos e serviços; se reunam os trechos principaes dos seus discursos, devidamente annotados; as suas cartas e manifestos politicos e os seus melhores artigos na imprensa periodica. Esta publicação, approvada em assembleia geral deve estar concluida um ou dois mezes antes do começo das festas. Para estas pedir-se-ha desde já o auxilio especial da camara municipal, Sociedade do Recreio Artistico, Associações dos «Bateleiros» e dos «Lavradores», Clubs dos «Gallitos» e «Mario Duarte.»

Montepio Aveirense

Com o concurso da excellente banda do 24 e do rancho de tricanas das Olarias, deve realisar-se amanhã, das 8 e meia horas da noite em diante, um festival no nosso jardim publico, em beneficio d'aquella simpathica e benemerita Associação local.

O jardim será vistosamente ornamentado e illuminado a gaz e á veneziana. Constanos que o rancho das Olarias apresentará novos bailados e canções tambem novas.

A entrada geral será a 50 réis.

Gradeamento

Por deliberação da junta de parochia da freguezia da Gloria d'esta cidade vae procederse em breve ao gradeamento do adro da egreja de S. Domingos, obra esta que está orçada em 500$000 réis.

A CURÍA

No centro da formosa região vinicola da Bairrada, que faz parte do nosso districto, a 1 hora de Aveiro e a 2 kilometros da estação de Mogofores, está situado o estabelecimento thermal da Curía, cujas aguas, bem conhecidas n'esta cidade, estão tendo a mais justificada vulgarisação.

Ha lindos passeios a pé em redor do edificio thermal; por toda a parte se veem espessos vinhedos, largos campos de verdura, muita agua e formosos horisontes campesinos, avistando-se, altivo, o Bussaco com a sua serra verdejante e o Caramulo com as suas clareiras dispersas e pittorescas.

Vida tranquilla, saudavel e hygienica do campo, sem luxos, sem preoccupações—eis o que offerece, por agora, a Curía aos seus frequentadores.

O estabelecimento é constituido por um corpo de edificio modesto, mas dotado com o indispensavel para a exploração das aguas da estancia.

No pavimento do rez do chão estão o escriptorio, bilheteira e sala destinada aos banhistas, e bem assim as installações balneares e hydrotherapicas. Possue dois gabinetes para banhos de 1.ª classe com banheiras de marmore; quatro para banhos de 2.ª classe com banheiras de zinco; e quatro para banhos de 3.ª classe com banheiras do mesmo metal. Tem uma piscina que mede 8 metros de comprido por 5 de largo, com a capacidade de 40 mil litros, approximadamente, ladeada por 4 vestiarios. Em outra sala tem installado um duche de agulheta, duche circular e banhos de chuva. Ao lado, n'um plano um pouco mais elevado, está provisoriamente a *brouette* da nascente principal, onde se faz, tambem provisoriamente, o engarrafamento das aguas. No primeiro andar do edificio ha um espaçoso salão dividido em gabinetes para consulta medica, analyses de urinas e sala de espera para os banhistas. Na Curía ha inscripção medica obrigatoria, não se fazendo alli tratamento sem consulta previa do medico.

Com a descoberta e exploração das aguas da Curía, *sulfatadas-calcicas*, como são, uma formidanda lacuna veio preencherse no nosso meio therapeutico, onde lhes pertence o papel de unicas—diz o snr. conselheiro Tenreiro Sarzedas, inspector das aguas mineraes do reino. Effectivamente quem chamar á Curía a Contrexéville portugueza não erra, tão similhantes são as suas aguas, cuja especialisação geral visa os arthriticos, cuja especialisação funccional attinge os granellosos.

A agua da Curía estimula todas as secreções, limpa os endothelios e activa o funccionamento do figado e dos rins. Augmenta a secreção urinaria e lava os

caniculos renaes e os uretéres, desembaraçando-os das mucosidades e areias. Desagrega o calculo e facilita o seu trajecto para a bexiga sobre a mucosa da qual exerce uma acção topica cicatrisante.

Além d'isso, e, levando a palma á de Contrexéville, é efficacissima nas dermatoses, principalmente no eczema chronico. Lava e reconstitue, eis tudo.

***

A empreza das aguas da Curía, constituida por uma sociedade anonyma, de responsabilidade limitada, tem, ha sete annos, presidindo á sua direcção, o sr. Albano Coutinho, a cuja boa vontade e assignalados serviços, deve o grau de prosperidade em que se encontra. A assembleia geral d'este anno reelegendo-o, prestou-lhe uma das mais justas homenagens de consideração e apreço.

Absolvição

Respondeu na segunda-feira, no tribunal d'esta comarca, o snr. Firmino Soares dos Reis, accusado de, em a noite de 6 de maio ultimo, durante a *celeberrima e espaventosa* manifestação monarchica ter lançado gritos *subversivos*.

A coisa, porém, não *pegou*, e, em face das *provas*, o meritissimo juiz, fazendo inteira justiça, absolveu o réo.

Quem, a est'hora, se está a *morder* é o *Papa-beiça!*

Pesca

Tem ultimamente apparecido em nosso mercado alguma sardinha graúda, o que é um grande bem para as classes menos remediadas, que de ella quasi exclusivamente se sustentam.

O CARAÇA

Foi barbaramente morto á paulada por uns selvagens da Gafanha de Vagos, este celebre touro, que o snr. Domingos João dos Reis, adquiriu das manadas do lavrador do Ribatejo, Eduardo dos Santos.

Pelo digno emprezario da nossa praça vae ser apresentada em juizo a competente queixa.

Tentativa de envenenamento

No domingo, teve a policia conhecimento d'um drama que muita sensação causou na cidade e seus arredores.

Luiz Henriques, capitalista, residente na freguezia de Esgueira, d'este concelho, casou ha annos com Adelaide Pereira, que era então uma pobre e desprotegida rapariga. Cedo esqueceu quanto devia ao seu protector e marido, ignorando-se por emquanto desde quando arranjou um amante, moço de padeiro, chamado Clemente Augusto, solteiro. Parece que, por desconfianças do marido e outras razões que se ignoram, Clemente Augusto resolveu partir para o Pará, para onde devia embarcar no dia 13.

Antes de partir d'aqui, Adelaide Pereira escreveu-lhe uma carta, na qual, deixando transparecer, embora com phraso pobre, a intensidade da sua paixão e a saudade que a dilacerava, lhe dizia que talvez antes do regresso d'elle tivesse occasião de o ir procurar, pois o marido estava tomando um remedio que, depois de ingerido, pouca saude lhe daria.

«Vê tu—escreveu ella—quanta loucura pratico pelo teu amor!»

Clemente, tendo o cuidado de encimar a carta com o numero 67, numero de ordem de recepção epistolar, segundo parece, não teve a precisa cautela em conservar documento tão compromettedor em logar seguro, deixou-a cair do bolso em casa de um alfaiate, e sendo encontrada por Manoel Maia, carpinteiro, este entregou-a a Maria do Rosario, irmã da victima, que, por sua vez, a deu ao irmão.

O Luiz Henriques mostrou-lhe a carta, que ella reconheceu, pondo-se immediatamente em fuga.

O marido ultrajado correu a apresentar queixa á policia, que immediatamente prendeu a accusada, a qual confessou o crime, dizendo ter deitado uma porção de sal de azedas n'uma garrafa de agua de Loeches que o marido tomava, mas que o amante não tem nenhuma responsabilidade na repugnante tentativa. O sal d'azedas foi obtido, segundo ainda declarou, a pretexto de tirar as nodoas d'um vestido.

O amante tambem se encontra a ferros, e a policia trata de averiguar a responsabilidade que cabe a cada um d'elles n'este tão repugnante crime.

Um infeliz cheio de fome rouba um bocado de pão? Cadeia. Um *canalha* vê, n'um dado momento, a esposa querida ou o filho estremecido a luctarem com doença que póde ser debellada por qualquer tisana. Mas elle não tem dinheiro, ninguem lh'o empresta. No auge do desespero, o *canalha* rouba a pequena quantia salvadora. Descobre-se o roubo? Cadeia, Penitenciaria, Africa!

Entretanto, certos gatunos vivem alegres, satisfeitos e cheios de honrarias. Roubaram milhares de contos e isto é circunstancia derimente de responsabilidade criminal.

As leis penaes foram unicamente decretadas para a *canalha!*

Chronica de Cacia

ADEANTAMENTOS!...

Commodo eufemismo, na verdade, este, com que os graves e circumspectos conselheiros da monarchia, com um impudor sem egual, designam os *roubos* escandalosamente perpetrados nos dinheiros do Povo. Quando se vegeta n'uma atmosphera de corrupção e mentira não ha remedio, ao que parece, senão velar hypocritamente o nosso pensamento proferindo palavras que não firam desagradavelmente os tympanos do proximo, embora ellas alludam a actos essencialmente criminosos e, *ipso facto*, previstos no codigo penal.

Ora o Povo, honra lhe seja, não se afaz a taes subtilezas e no seu criterio são e simplista, avesso a disfarces, expressa-se com mais propriedade por entender, e bem, que todo o desvio dos dinheiros publicos que não esteja previsto na lei constitue um *roubo*. O Povo tem razão. Não é debalde que se lhe exigem sacrificios para manter a orgia das classes predominantes. Não é impunemente que se lhe leva a fome ao lar e se lhe tira a camisa só para que haja uma familia privilegiada prenhe de regalos e mimos, lisongeada pelas zumbaias de aulicos videirinhos e, por tal motivo, alheia á miseria, á desgraça ás privações e amarguras que vão por esse paiz fóra. Por isso os seus protestos contra o regimen do latrocinio que é a monarchia se accentuam cada vez mais, e já não é a perspectiva do derramamento do seu generoso sangue que o obriga a mudar de rumo. Ainda bem que assim acontece.

Esta Patria não podia por forma alguma subverter-se com a cumplicidade do Povo.

Basta que contra ella conspirem aquelles que, dizendo-se portuguezes, personificam uma politica de extorsão e tyrannia; uma politica d'arranjismo e immoralidade. Serão esses — *soit-disant* — portuguezes que certamente a Nação terá um dia que engeitar, visto que d'elles tem ella graves ressentimentos que jámais se perdoam.

Servindo de pedestal a estes uma verdadeira alcateia de lobos esfaimados, verdadeiros Gargantuas do thesouro publico, typicos representantes do devorismo politico e burocratico para os quaes o Povo não é mais do que a *canalha*, abancou de guellas hyantes em volta da meza do orçamento, fariscando e mandibulando a quasi totalidade dos recursos que a Nação bem desejaria se applicassem productivamente em proveito da communidade, mas o que elles com a sua criminosa egopathia impedem com o mais requintado impudor e desplante. E hão de querer — os farçantes—que o Povo, o eterno expoliado, a misera besta de carga, os não odeie como merecem, se são elles os verdadeiros fautores da sua desdita e do seu infortunio!

E admiram-se — os tartufos— que o paiz, amargurado por tanta desillusão, os abandone para se acolher á sombra da generosa bandeira da Republica! Ah! repugnantes creaturas, que ainda haveis de dizer que a Republica não é n'este momento a solução logica, fatal e urgica! Que ainda haveis de contestar que o Povo a quem infamemente tendes expoliado, quer na urna, quer na algibeira, e a quem por cima ainda espingardiaes e tuberculisaes com impostos assassinos, não tem motivo para execrar a monarchia!

Mas eu comprehendo o vosso criterio! E' o de todos aquelles que se sentem perdidos, que veem eminente o fim da orgia; de todos aquelles que espavoridamente veem surgir o espectro de uma nova ordem de cousas que, mais dia menos dia, os fará... jejuar por terem comido em demasia e adeantadamente. E se fôr só isto, vá que é estar com sorte! Os grilhetas poderão protestar contra a desigualdade do tratamento e, então, ha que fazer justiça. E nem para outra coisa se fez a... Penitenciaria!

Cacia, 15—7—1908.

Aido de Cima.

Nova ourivesaria

Inaugurou-se, hoje, na rua da Costeira, esquina da Praça Luiz Cypriano, o novo estabelecimento de ourivesaria, relojoaria, oculos e loterias, do sr. Antonio Ernesto Souto Ratolla, laborioso e activo commerciante d'esta cidade.

Para solemnisar a abertura do seu estabelecimento, o snr. Ratolla fará distribuir um bodo pelos pobres d'esta cidade, para o qual nos enviou algumas senhas que muito agradecemos e das quaes fizemos a competente distribuição.

Desejamos ao snr. Ratolla todas as felicidades de que é digno.

Carreira de tiro de Aveiro

Realisou-se no domingo o concurso annual da carreira de tiro na Gafanha, que foi muito concorrido de atiradores civis, sendo o resultado final o seguinte:

Concurso geral—1.º premio, do rei, ao snr. João Rosa; 2.º, ao sr. João Machado; 3.º, ao sr. Cunha Gil; 4.º, ao sr. José Peixe; 5.º, ao sr. José Sacramento; 6.º, ao sr. Manoel Sacramento; 7.º, ao sr. Arthur Reis; 8.º, ao sr. dr. Samuel Maia; 9.º, ao sr. José Sobreiro; e 10.º, ao sr. sargento Sant'Anna.

Concurso especial da União —Premio unico, ao sr. Cunha Gil.

Campeonato — Medalha de ouro, ao sr. Antonio Maia, socio do *Club Mario Duarte*, que obteve tambem mais 6 premios, que eram lindos objectos artisticos que estiveram expostos na vitrine do sr. Ricardo Campos, aos Arcos

Formatura

Concluiu brilhantemente na quinta-feira a sua formatura em Direito, na Universidade de Coimbra, o nosso talentoso correligionario, snr. dr. Antonio Fernandes Duarte Silva.

Enviamos-lhe os nossos cordeaes parabens.

Fallecimento

Victimado por uma syncope cardiaca falleceu, na segunda-feira, o negociante de Esgueira, snr. Domingos Matheus de Lima, pae do snr. Fortunato Matheus de Lima e irmão da snr.ª D. Deolinda Augusta Pereira da Cruz. Sentimos profundamente tão triste acontecimento e enviamos aos doridos a expressão do nosso pezame.

"Os Successos,,

Completou o 20.º anno da sua publicação este nosso estimavel collega, que effusivamente felicitamos por tal motivo.

Mulher—homem

No domingo á noite, appareceu em casa do lavrador snr. Manoel Borralho, morador na estrada dos Alamos, uma *rapariga* que apparentava ter uns desoito annos, com uma canastra á cabeça, dizendo-se vendedora de sardinha, e pedindo dormida por aquella noite a fim de, no dia seguinte, vir ao mercado d'Aveiro comprar peixe para o seu negocio.

O snr. Borralho deu effectivamente agasalho á *peixeira* e mandou-a recolher n'um palheiro que possue. O diabo, porém, é que uns filhos do dono da casa, que viam ali uma pequena de truz, resolveram n'essa noite ir ter com ella para *cavaquearem* um pouco. Mas, oh triste disillusão, a rapariga sae-lhes *femea-macho*, e eil-os agora agarrados ao meliante, com toda a furia, dando-lhe voz de prisão, vindo em seguida para a esquadra com uma participação do pae na qual se pedia para *verificarem a verdade!*

Tudo posto em pratos limpos, soube-se então que o *garotóla* era um rapinante que tendo sido preso por praticar um furto, raspou-se da prisão e vestiu-se de mulher para assim se disfarçar melhor. O diabo é que lhe saíu o *gado mosqueiro* e a pernoitadela em casa de rapazes amigos do bello sexo, foi uma de... mil diabos!

ANNUNCIOS